



Uma biografia insuficientemente política

Renan Somogyi Rodrigues da Silva¹

Departamento de História – Universidade de São Paulo
renan_somogyi@usp.br

Como citar esta resenha: SILVA, R. S. R. “Uma biografia insuficientemente política”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº14, pp. 203-212. 2022. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa-

Resumo: A presente resenha objetiva elucidar um pouco sobre o livro *A Vida na História*, bem como realizar algumas críticas do ponto de vista historiográfico. O autor, Richard J. Evans, confeccionou a maior empreitada biográfica de Hobsbawm já feita, recorrendo a inúmeras fontes escritas, visuais e orais; todavia, a base documental não impede o escrito de incorrer em posicionamentos viciosos dos autores de biografias, sobre os quais pretende-se versar neste texto.

Palavras-chave: Hobsbawm. Marxismo britânico. Teoria da História. Biografia Hobsbawm.

An insufficiently political biography

Abstract: This review aims to elucidate a little about the book *A Life in History*, as well as criticize part of its historiographical perspective. The author, Richard J. Evans, wrote the most detailed Hobsbawm’s biography until now, resorting to several written, visual and oral sources; however, this documentary basis does not prevent the text of incurring in vicious standpoints frequent in biographies, about which we will argue in this text.

Keywords: Hobsbawm. British marxism. Theory of History. Hobsbawm's biography.

¹ Mestrando em História Social pela Universidade de São Paulo.

Resenha – EVANS, Richard J. *Eric Hobsbawm: Uma Vida na História*. São Paulo: Planeta, 2021.

Eric Hobsbawm foi um dos historiadores mais lidos e reconhecidos do século XX, com uma obra que abrange diversos temas de pesquisa, variando desde os rebeldes primitivos, o trabalhismo inglês, a ascensão do capitalismo, o marxismo, a Inglaterra no século XIX, teoria e metodologia da História. Em termos de títulos e premiações, Hobsbawm também foi agraciado com muitas honrarias, tais como o *Fellow of the British Academy* em 1976, *Deutscher Memorial Prize* em 1995, *Ernst Bloch Prize* em 2000, dentre outros. Seus livros foram traduzidos e publicados para mais de 25 idiomas, com sucesso recorde de vendas predominantemente no Brasil. Seus trabalhos mais voltados ao público geral, talvez, sejam exemplos reconhecidos de *obras fronteiriças*, como definiram Raquel Glezer e Sara Albiéri: “De forma geral, as ‘obras fronteiriças’ podem ser consideradas como uma das formas tradicionais de primeiro contato do leitor com a história, fora do contexto escolar” (GLEZER; ALBIERI, 2009, p. 15), o que pode explicar seu êxito de comercialização. No campo da militância marxista, o historiador britânico também foi extremamente influente, auxiliando na construção das revistas *Past and Present* e *New Left Review*, dois dos maiores periódicos científicos de esquerda do mundo.

Essas conquistas são muito bem narradas por Richard J. Evans – historiador especialista na História Política alemã dos séculos XIX e XX –, conjuntamente com os percalços da vida pessoal de Hobsbawm. A narrativa cobre, em termos de temporalidade, toda completude da vida de Eric, como o autor o chamava. Os anos de formação do biografado, que variaram entre a Alemanha e a Inglaterra, são os objetos da escrita nos primeiros três capítulos. Após esse íterim, a carreira inicial como historiador é abordada, sempre em estrita conexão com seus posicionamentos políticos e ideológicos. Evans demonstra em inúmeras passagens durante os três capítulos seguintes que Hobsbawm foi perseguido pelo MI-5², sendo vetado para diversos cargos, viagens e honrarias por ser reconhecidamente um membro do Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB) (EVANS, 2021, p. 216, 219, 252, 253).

² Polícia secreta da Grã-Bretanha, fortemente empenhada em reprimir os comunistas durante o entre guerras e, principalmente, durante a Guerra Fria.

Em 1956, todavia, um ponto de virada ocorre em sua vida e carreira: o relatório secreto de Nikita Krushev no XX Congresso do Partido Comunista – cujo conteúdo revelava ao mundo as atrocidades cometidas por Stalin – causou em Eric o rompimento teórico e ideológico definitivo com o PCGB e a URSS, embora nem mesmo tal episódio tenha feito com que ele se desvinculasse institucionalmente do P.C. A partir dessa virada, a personagem, segundo Evans, adentra cada vez mais no *establishment* britânico. A teoria é corroborada pelo aceite de Hobsbawm para entrar no Ateneu Club de Pall Mall e na British Academy – um título ligado a um reconhecimento real dos serviços prestados à nação – e sua definição como membro da King’s College (Ibidem, 2021, p. 450-451). Essa movimentação social e política é tratada durante os últimos quatro capítulos. Após tal guinada, os livros produzidos por Hobsbawm tornaram-se mais vendidos, seu rendimento financeiro ascendeu, seu reconhecimento público também, além das oportunidades de bolsas, pesquisas e viagens. Em suma, Eric foi assimilado pelo sistema capitalista e suas instituições, apesar de seu sempre fiel posicionamento em favor do marxismo (Ibidem, p. 457-459).

Evans, no decorrer de sua narrativa, afirma que o biografado possuía maior afinidade com o pensamento exposto pelo Partido Trabalhista desde 1956, reduzindo os 56 anos seguintes de filiação ao PCGB a uma vontade, quase inconsciente, de pertencimento a um grupo (Ibidem, p. 613-614). A raiz desse desejo era, possivelmente, o desmantelamento de sua família enquanto criança e adolescente – a morte do pai, da mãe e a separação da irmã. A solidão aumentava ainda mais nos anos seguintes de Eric, quando, na ausência de sua família, suas relações com outras pessoas eram raramente duradouras (Ibidem, p. 184). A grande exceção é seu primo, Roland Hobsbaum, com quem dividiu uma grande afinidade – principalmente pelo gosto compartilhado pelo jazz – durante toda a vida. Essa solidão pode ter sido ainda mais um impulso para a manutenção da filiação ao partido.

Outra explicação também é fornecida pelo biógrafo: Hobsbawm formou-se politicamente durante a República de Weimar (1918-1933), período em que as opções ideológicas para além do capitalismo liberal eram escassas. Segundo Evans, o autor de *A Era dos Extremos* se viu obrigado a decidir entre o nazi-fascismo e o marxismo (Ibidem, p. 84). Por sua origem judaica, criação e

educação, Eric não podia enveredar-se no nazismo, impelindo-o ao comunismo, com o qual jamais romperia.

O autor também se dedicou em grande medida à construção de uma narrativa familiar e pessoal de Hobsbawm, como pode ser visto em suas interpretações sobre a vida da personagem, muitas vezes baseadas em fatores de sociabilização. Mobilizando uma vasta documentação, tais como cartas, diários, entrevistas, documentos pessoais, dentre outros, Richard J. Evans elucidou sobre a vida íntima do famoso historiador britânico como jamais alguém fizera antes. A autobiografia de Hobsbawm, *Tempos Interessantes* – lançada em 2002 – pouco discorre sobre as relações pessoais de Eric; foca mais nas conexões entre a vida do autor e os fatos históricos que ocorriam ao redor do mundo durante o século XX.

Crítica a uma biografia insuficientemente política

No momento de escrever uma biografia, muitos detalhes devem ser atentados: a escolha das fontes; os recortes temporais; as entrevistas com testemunhas; e, não menos importante, a teoria da história escolhida para a narrativa. Este último elemento define toda construção e disposição lexical e teórica a respeito da vida do biografado, pois é responsável por conferir um sentido lógico (e teleológico) à narrativa. Em outras palavras, a maneira como o biógrafo interpreta os fatos ocorridos com o biografado depende, inextricavelmente, do sentido que o próprio biógrafo confere à trajetória de seu objeto de estudo. Essa escolha historiográfica não diz respeito somente às biografias; o historiador também necessita delinear a razão dos fatos por ele investigados em suas pesquisas. Tal processo, que aqui chamaremos de construção da *trama* – à maneira de Paul Veyne –, engendra, necessariamente, recortes no conteúdo a ser abordado no texto, tais como o tempo abrangido, as fontes utilizadas, a localização circundada, etc. (VEYNE, 1998, p. 41-44). A escolha da referida conjectura não é aleatória ou por mera afinidade. A biografia, afinal – tal qual o romance ou o filme – narra uma sucessão de eventos diacrônicos, construindo uma conformidade entre eles. Conjuntamente com a análise de tais eventos, define-se um fim teleologicamente já sabido, que é o objetivo mesmo da narrativa. No caso de Evans, a *trama* traçada é clara: conforme Hobsbawm afastou-se

paulatinamente do marxismo – em termos institucionais –, foi ganhando notoriedade e, coetaneamente, adentrando cada vez mais no *establishment* burguês.

Richard J. Evans, inconscientemente, acaba caindo em uma das “armadilhas” da História, já alertada por Pierre Bourdieu, em 1986, em seu célebre artigo, “A ilusão biográfica”. Nesse escrito, o sociólogo francês ressalta que as biografias tendem a construir uma memória acerca de seu objeto, eliminando as clivagens em sua trajetória e aplainando sua vida. Surge, outrossim, uma impressão de linearidade teleológica em relação às ações da pessoa. Nas palavras do próprio autor:

Primeiramente, o fato de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva, de um projeto: a noção sartriana de “projeto original” somente coloca de modo explícito o que está implícito nos “já”, “desde então”, “desde pequeno”, etc. das biografias comuns ou nos “sempre” (“sempre gostei de música”) das “histórias de vida”. Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido do ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo (BOURDIEU, 1996, p. 184).

No caso de *Uma Vida na História*, diferentemente dos casos exemplificados por Bourdieu, o biógrafo postula uma ruptura, como um novo ponto de partida cronológico. Evans elucida que as ações de Hobsbawm foram balizadas por sua relação com o marxismo, a necessidade de uma família estruturada e sua fixação pela História. O amálgama desses elementos parece configurar, inexoravelmente, a vida de Hobsbawm após 1956 – como se outra trajetória pessoal não fosse possível ao autor. A partir deste ponto da narrativa a história foi aplainada, suas fissuras apagadas, e criou-se uma linha unidirecional na segunda metade da vida de Eric.

Ao traçar a trajetória como uma continuação lógica do choque de Hobsbawm com o conteúdo exposto no XX Congresso do PCURSS, Evans marginaliza a relação do pensador com o marxismo após o evento, chegando ao ponto de excluir fatos importantes na vida do biografado, além de pouco mencionar a influência que ele erigiu no movimento comunista de todo o mundo na segunda metade do século XX.

A título de exemplo, o historiador da política alemã não abordou, pelo menos, três temas centrais em relação a Hobsbawm e o marxismo. O primeiro deles já foi enunciado no início do texto: o prêmio *Deutscher Memorial Prize*, ganho por Eric em 1995, devido ao sucesso do livro *A Era dos Extremos*, uma análise marxista do “breve século XX”. Evans informa como a abordagem materialista baliza o texto, criando uma dialética bem construída entre infraestrutura e superestrutura, ainda que a primeira prevaleça sobre a segunda. Todavia, não cita o ganho do prêmio por Hobsbawm, uma das maiores honrarias acadêmicas destinadas às obras marxistas; ademais, não relaciona a obra com o debate sobre o “fim da história”, marcada pelo livro de mesmo nome de Francis Fukuyama. Eric reafirma o marxismo e o comunismo de forma militante e crítica ao escrever:

O fracasso do socialismo soviético não se reflete sobre a possibilidade de outros tipos de socialismo. Na verdade, a própria incapacidade de a economia sem saída de planejamento central do tipo soviético reforma-se em “socialismo de mercado”, como se queira, demonstra o fosso entre os dois tipos de desenvolvimento (HOBSBAWM, 1995, p. 482).

Não é possível excluir dos motivos para essa produção acadêmica, portanto, a inserção do posicionamento de Hobsbawm no debate político da época – fato ignorado por Evans.

O segundo caso a ser citado é a ausência da análise do impacto e influência da famosa introdução escrita por Hobsbawm ao livro *Formações Pré-Capitalistas*, obra de Marx publicada somente na primeira metade do século XX, conjuntamente com os demais textos que formam os *Grundrisse*. A introdução do historiador britânico tornou-se célebre, pois demonstrava a base historiográfica dos estudos de Karl Marx e Friedrich Engels e, por conseguinte, a vinculação intrínseca entre marxismo e História. O escrito indica também a necessidade de renovação dos estudos marxistas à medida que novas pesquisas apareçam, haja vista o caráter inédito do livro.

O terceiro – e talvez mais inquietante tema – é a coleção História do Marxismo, coordenada e organizada por Eric Hobsbawm. Seu conteúdo é, possivelmente, o maior estudo centrado na temática das ideias, políticas, história e organizações do marxismo mundial – apesar da clara centralidade europeia. Dividida em 12 volumes, a coletânea reúne textos do próprio

Hobsbawm, de Pierre Villar, David MacLellan, Georges Haupt, Gareth Stedman Jones, Nicola Badaloni, Lawrence Krader, István Meszáros, Maurice Dobb, Oskar Negt, Hans-Josef Steinberg, Franco Andreucci, Massimo Salvadori, Irving Fetscher, Marek Waldenberg, Vittorio Strada, Jutta Scherrer Andrzejew Walicki, Israel Getzler, Madeleine Reberieux, Gregorio de Paola, Rene Galissot, Valentino Gerratana, Andrea Hegedus, Michal Raiman, Giacomo Marramao, Baruch Knei, Monty Johnstone, Erwin Weissel, Milos Hajek, Aldo Agosti, Marta Dassú, Giuliano Procacci, Giorgio Roveda, Moshe Lewin, Roi A. Medvedev, Franz Marek, Roberto Finzi, Robert Mcnel, Alec Nove, R.W. Davies, Mário Telo, André Liebich, Martin Bernal, José Aricó, Elmar Altvater, Gianni Sofri, John Willet, Mauro Ceruti, Lubomir Sochor, Paolo Spriano, Jaroslav Opat, Juan Carlos Portantiero, Göran Therborn, Alexandre Adler, Wlodzimierz Brus, Samir Amin, François Godement, Maurice Godelier, Otto Kallscheuer, Pirangelo Garegnani, Agnes Heller, Renato Zangheri, Augusto Graziani. Tamanha mobilização de acadêmicos e militantes comunistas, com inúmeros pesquisadores distintos e reconhecidos internacionalmente, certamente não poderia ter sido deixada de fora da biografia da personagem.

O marxismo de Hobsbawm, após 1956, portanto, não foi expresso somente em suas análises materialistas, mas sim, com diversas aparições em eventos, apoios políticos e, principalmente, através da contribuição para o surgimento e a estruturação de um marxismo acadêmico bem-sucedido. Suas pesquisas deveriam renovar as noções políticas e ideológicas da esquerda, com vistas sempre à revolução e ao estabelecimento da sociedade comunista. Em sua famosa introdução à coleção de estudos citada no parágrafo acima, Eric torna-se um dos grandes autores a ficar conhecido pelo uso do conceito de *marxismos* – conjectura que dá corpo às discussões já iniciadas por Isaac Deutscher, Karl Korsch e muitos outros –, marcando a pluralidade de pesquisas e ideias que podem auxiliar na instauração do socialismo (HOBSBAWM, 1979, p. 11-16). Portanto, a *trama* adotada por Evans para guiar sua biografia cria uma ilusão biográfica acerca da vida de Eric, postulando um ponto de ruptura que as relações entre o biografado e o mundo marxista não sustentam.

Não se pretende afirmar nesse texto que a diminuição do contato entre o célebre historiador inglês e o marxismo não tenha ocorrido após a data já mencionada. Afinal, o seu discurso transgressor realmente o afastava dos mais altos postos acadêmicos, por não ser aceito dentro da “ordem” e, por conseguinte, ser impedido de circular por meio da exclusão (FOUCAULT, 2014, p. 8-10). Eric, de fato, precisava ser assimilado por instituições burguesas para ser reconhecido como um grande historiador e, por conseguinte, estabelecer bons padrões financeiros para sua família. O que se argumenta, em contrapartida, é que a ausência de determinados fatos e/ou acontecimentos no livro de Evans pode ser explicada por duas hipóteses: a primeira é que o silêncio é um artifício narrativo para corroborar sua trama acerca da vida da personagem. Todavia, longe de exigir que a História seja neutra e/ou completa, pretendi com esse texto, simplesmente, apontar para uma pluralidade de fenômenos acadêmicos e políticos não citados em *Uma Vida na História*, bem como explicar as causas desse silenciamento. Este último procedimento, segundo o próprio Hobsbawm, deveria ser feito pelo autor, pois

Todo os historiadores, sejam quais forem seus objetivos, estão envolvidos neste processo [criação de memória]³, uma vez que eles contribuem, conscientemente ou não, para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado que pertencem não só ao mundo da investigação especializada, mas também à esfera pública onde o homem atua como ser político. Eles devem estar atentos a esta dimensão de sua atividade (HOBSBAWM, 1997, p. 22).

Se a função do historiador é criar uma escrita da história – pautada em método e em subjetividade – que dê conta da cerimônia de “enterro” do passado, marcando o presente como lugar de fala (e como conseqüente fim teleológico) (CERTEAU, 2020, p. 109), Evans recorre ao apagamento ou a redução do comunismo e da militância na vida de Hobsbawm pós 1956. A sua "apologia dos fatos" corrobora suas "normas e ideologias", cuja lucidez no texto não é clara, mas mostra-se através da ordenação lógica da narrativa (Ibidem, p. 118).

A alternativa ao silêncio – e segunda hipótese – é o esquecimento. Teria Richard J. Evans não silenciado passagens da vida de Hobsbawm, mas sim, esquecido-as? Obviamente, o especialista em história alemã conhecia-os, o

³ Anotação minha.

que implica que – se não por opção ideológica – o esquecimento apoderou-se de sua narrativa. Este fato seria normal de ocorrer, afinal, como já demonstrou David Lowenthal, é impossível rememorar todos os acontecimentos de nossa vida (ou da vida de outrem) (LOWENTHAL, p. 96-97). Ao mesmo tempo, o esquecimento é o que permite a distinção de determinados acontecimentos dos episódios cotidianos. Portanto, ao relembrar o esquecido, revitaliza-se o evento, conferindo significância a ele novamente (Ibidem, p. 94-96).

Não relembrar tais episódios seria, por isso, impossibilitar a representação dessa história, negando-lhe seu *locus* na memória. O esquecimento faz parte da construção de narrativas, mas lembrá-las, como dito acima, traz novo fôlego ao esquecido. É ao serviço da rememoração – na esperança que revigore e floresça o pensamento crítico inspirado em Eric Hobsbawm – e da análise crítica da biografia que a presente resenha presta-se. É imprescindível demarcar, todavia, que entendo como mais provável que o silenciamento ideológico tenha sido empregado por Richard J. Evans.

A narrativa de Evans também privilegia uma dimensão sociológica de análise da carreira de Hobsbawm. Influenciada pela abordagem de Pierre Bourdieu, a História Intelectual com ênfase nas filiações institucionais e nas disputas de poder no campo acadêmico parecem orientar *Uma Vida na História*. Tal crítica metodológica já foi enunciada por François Dosse, quando este expôs a falta de agência e de centralidade conferidas aos intelectuais e às ideias nas análises bourdianas, cuja argumentação destaca a força social do *campo* sobre os pensadores (DOSSE, 2007, p. 104-107). A ruptura de Hobsbawm com o marxismo, portanto, seria afirmada pelo movimento de entrada do historiador comunista britânico em instituições associadas à burguesia, mesmo que sem base no sistema de ideias estruturado pelo autor. As ações do biografado também não são vistas como possíveis táticas para enfrentar a burocracia inglesa – com realce para os impedimentos gerados pelo MI-5 –, mas explicitamente e exclusivamente como integração de Eric ao *status quo*.

A incompletude da biografia não deve afastar seus leitores, haja vista que ainda é a melhor pesquisa já publicada sobre a vida do historiador. Torna-se uma leitura obrigatória para qualquer um que estude seu pensamento, as conexões teóricas e institucionais que fundaram os movimentos aos quais se

ligou, e mesmo a historiografia e metodologia do fazer científico da História. Apontadas suas falhas, cabe aos leitores interpretarem e ressignificarem o texto, aproveitando seus bônus teóricos e criando ciência sobre seus silenciamentos ou esquecimentos.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2020.

DOSSE, François. **La Marcha de Las Ideas**: Historia de los Intelectuales, Historia Intelectual. Valencia: Universitat de Valencia, 2007.

EVANS, Richard John Evans. **Eric Hobsbawm: Uma Vida na História**. São Paulo: Planeta, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: Aula Inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de Dezembro de 1970**. São Paulo: Loyola, 2014.

GLEZER, Raquel; ALBIERI, Sara. O campo da história e as “obras fronteiriças”: algumas observações sobre produção historiográfica brasileira e uma proposta de conciliação. **Revista ieb**, n. 48, março de 2009, p. 15-30.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. Prefácio. In: HOBBSAWM, Eric (et al). **História do Marxismo. V. 1: O Marxismo no Tempo de Marx**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, n. 17, São Paulo, nov. 1998, p. 63-201.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História; Foucault Revoluciona a História**. 4 ed. Brasília: Universidade de Brasília (UNB), 1998.